

A NECRÓPOLE DA IDADE DO BRONZE DO CORVILHO (SANTO TIRSO): NOVOS DADOS PARA A SUA CONTEXTUALIZAÇÃO CRONOLÓGICA

Hugo Aluai Sampaio¹

RESUMO

Em 1915, durante a construção do Hospital da Santa Casa da Misericórdia (Santo Tirso), e num pinhal pertença da Quinta do Gião, foram recuperados seis vasos cerâmicos e um bracelete em bronze. Ainda que os seus micro-contextos de deposição não sejam claros, a quantidade de vasos recolhidos e as suas tipologias têm permitido equacionar a hipótese da existência, naquele local, de uma necrópole da Idade do Bronze. Visando o seu enquadramento cronológico mais preciso, foi efetuada a recolha de fuligem do interior de um dos vasos para posterior datação por AMS. O resultado obtido, ainda que não podendo ser extrapolado aos restantes materiais, confirma, ainda assim, o uso do local para práticas funerárias já durante a Idade do Bronze Médio. **Palavras-chave:** Noroeste de Portugal, Bronze Médio, Contexto funerário, Datação por AMS.

ABSTRACT

In 1915, during the construction of Hospital da Santa Casa da Misericórdia (Santo Tirso), in a pinewood at Quinta do Gião, six ceramic containers and one bronze bracelet were recovered. Although their micro context of deposition are not clear, the quantity of containers and their typologies allow to hypothesize the existence, in that same area, of a Bronze Age necropolis. In order to chronologically accurate this context, soot residues from the interior of one ceramic container was dated by AMS. The result, although it cannot be extrapolated to all the recovered materials, confirms the funerary use of this place during the Middle Bronze Age.

Keywords: Northwest of Portugal, Middle Bronze Age, Funerary context, AMS dating.

1. INTRODUÇÃO

Em 1915, durante a construção do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, em Santo Tirso, foram recolhidos e salvos diversos materiais arqueológicos. Ainda que os seus micro-contextos de deposição exatos não sejam claros, as características morfológicas dos materiais cerâmicos recolhidos podem ser genericamente enquadradas na Idade do Bronze regional.

A quantidade de objetos e a presença de formas cerâmicas comuns em contextos funerários do Noroeste português tem permitido levantar a hipótese de ter existido, em Corvilho, uma necrópole onde foram depositadas oferendas cerâmicas e, eventualmente,

metálicas. Com o intuito de estreitar a cronologia de uso dessa hipotética necrópole, procedeu-se à realização de uma datação pelo radiocarbono.

A amostra analisada corresponde a fuligem raspada da parede interna de um dos vasos cerâmicos (número de inventário MMAP35), atualmente em depósito no Museu Municipal Abade Pedrosa, em Santo Tirso². Seguidamente, a amostra foi encaminhada para o *NSF – Accelerator Mass Spectrometry Laboratory*, com sede em Arizona, nos Estados Unidos da América. A acompanhar a amostra selecionada seguiu uma ficha referindo àquele laboratório as substâncias conhecidas que estiveram em contacto com o vaso, dando a conhecer potenciais

1. Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT), Universidade do Minho; hugoaluai@gmail.com

2. Agradece-se ao Doutor Álvaro Moreira a oportunidade concedida para o estudo dos materiais da necrópole do Corvilho aquando dos trabalhos de Doutoramento do autor mas, sobretudo, a sua abertura à recolha de amostras para datação daquele contexto.

contaminações ocorridas, principalmente, durante os trabalhos de conservação e restauro a que os materiais foram sujeitos.

2. CARACTERIZAÇÃO FÍSICA, AMBIENTAL E ARQUEOLÓGICA

A necrópole do Corvilho ocupou a vertente oeste de uma pequena colina anexa à margem esquerda do rio Sanguinhedo, afluente pela mesma margem do rio Ave, do qual dista cerca de 1 km para sul (Figura 1).

O substrato local é de tipo monzogranito biotítico, porfiroide, de grão grosseiro, também conhecidos como Granitos de Guimarães e Santo Tirso (Andrade, Noronha & Rocha, 1986).

O local dista cerca de 10 e 14 km para SE, respetivamente, das jazidas de estanho de Pedras Negras/Vilarinho das Cambas (Vila Nova de Famalicão) e de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) (Teixeira & *alli*, 1965). Num raio de pouco mais de 8 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos cursos fluviais de maior dinâmica, como os rios Ave e Vizela. Enquadrada em contexto de vale, atualmente a zona encontra-se fortemente construída muito por culpa do crescimento da malha urbana da cidade de Santo Tirso.

Em termos de vestígios arqueológicos datáveis da Idade do Bronze, refiram-se as sondagens efetuadas no castro de Monte Padrão, situado na cumeeira que separa as bacias hidrográficas do rio Ave, a norte, do rio Leça, a sul. Ali, Martins (1985) detectou a presença de formas cerâmicas carenadas e, também, cerâmica com decoração boquique, demonstrando influências oriundas da Meseta Norte. Com base nos materiais recuperados, Bettencourt (2010) propõe momentos distintos de ocupação do local: um datável do Bronze Médio, pela presença de fragmentos cerâmicos com decorações excisas e boquique tipo Cogotas I que, em contextos do Noroeste português, são datados daquela fase; e uma ou mais ocupações datáveis do Bronze Final, pela presença de diversas taças carenadas de pasta fina e de acabamentos polidos, usuais neste período cronológico-cultural no Noroeste de Portugal.

Sabe-se, ainda, que em Chão de Presa terá aparecido “*Parte central de um machado de talão e dois anéis, com três nervuras finas no gume*” (Pinto, 1930, p. 306), objeto genericamente datável do Bronze Final, e proposta cronológica semelhante poderá

atribuir-se a um machado de alvado de duas argolas proveniente algures de Santo Tirso (Cardoso, 1969).

3. AS MATERIALIDADES

O achado do Corvilho integra um conjunto de materiais onde estão representados seis vasos cerâmicos e um bracelete metálico (Figura 2). Uma vez que as materialidades em questão já se encontram detalhadamente descritas (Moreira 2016: 33-34), apenas serão referidos alguns pormenores que se entendem pertinentes.

Entre os recipientes cerâmicos constam um potinho e cinco vasos troncocónicos. O vaso MMAP36 ou [COR 1091] (Figura 3), embora fraturado – crê-se que, possivelmente, durante a recolha/descoberta – apresenta-se praticamente completo, faltando o elemento de prensão vertical e partes do bordo (entretanto reconstruídas).

O elemento de prensão deixou um “negativo” na parte sensivelmente central da pança do vaso que, a julgar pela falta de uma pequena parte do bordo imediatamente acima, parecia ligar da pança àquele elemento. Trata-se de um potinho ou forma 11 (Bettencourt 1999) que apresenta acabamento alisado em ambas as faces, a par de ligeira corrosão. Não apresenta decoração nem indícios de fuligem.

Do vaso MMAP35 ou [COR 1086] (Figura 4) apenas duas pequenas partes do seu bordo, posicionados em ambos os lados da área oposta à asa, são originais, pelo que a maior parte foi reconstruída. Apresenta bordo em aba soerguida e preserva o elemento de prensão vertical, de secção em fita, que arranca e termina na pança. Ambas as faces foram alisadas e incluem vestígios de fuligem que se distribuem pela área da parede e do bordo. Possui composição decorativa que recorreu à distribuição de 5 mamilos proeminentes dispostos horizontalmente e posicionados no lado externo da pança, abaixo do bordo, mais ou menos alinhados com o arranque superior da asa. Trata-se de um troncocónico ou forma 14 (Bettencourt, 1999).

O vaso MMAP37 ou [COR 1088] (Figura 5) terá sido ligeiramente quebrado durante a recolha/descoberta, pelo que foi posteriormente reconstruído. Inclui alisamento e indícios de fuligem em ambas as faces que se distribui pelas paredes e base. O elemento de prensão vertical, em falta, observa-se pelos negativos na pança. Trata-se de um troncocónico ou forma 14 (Bettencourt, 1999).

Ao vaso MMAP38 ou [COR 1089] (Figura 6) falta o elemento de preensão vertical e partes do bordo. O elemento de preensão vertical, a julgar pelo único negativo visível na pança, seria de secção em fita. O facto de uma das partes do bordo em falta ser precisamente a área acima deste negativo pressupõe que o mesmo pudesse arrancar diretamente do bordo. Embora ligeiramente corroído, percebe-se que foi alisado em ambas as faces. Não é decorado mas apresenta restos de fuligem distribuída pela área lateral da pança, de ambos os lados. Trata-se de um troncocónico ou forma 14 (Bettencourt, 1999) mas as suas paredes são praticamente retas comparativamente aos restantes troncocónicos.

O vaso MMAP39 ou [COR 1087] (Figura 7) terá sido quebrado durante a recolha/descoberta – foi posteriormente reconstruído –, restando-lhe apenas uma pequena parte original do bordo, na zona oposta à asa. O elemento de preensão vertical, também em falta, afere-se pelos negativos deixados na parede externa da pança. O bordo é em aba soerguida. Apresenta polimento da face externa e alisamento da interna, além de indícios de fuligem em ambas as faces com distribuição pela pança e bordo.

Trata-se de um troncocónico ou forma 14 (Bettencourt, 1999) e tem paralelos com alguns dos vasos recolhidos no interior de algumas sepulturas planas da necrópole de Cimalha, em Felgueiras (Almeida & Fernandes, 2008).

O vaso MMAP40 ou [COR 1040] (Figura 8) tem uma grande parte de bordo e da pança em falta, provavelmente quebrada durante a recolha/descoberta, pelo que foi posteriormente reconstruído. Embora não preserve elemento de preensão vertical – nem os seus negativos na pança – é possível que a grande secção em falta do bordo e pança correspondam à área que incluiria esse elemento. Apresenta ambas as paredes alisadas e fuligem apenas na parede externa que se distribui pela base e pança. Inclui composição decorativa que recorreu à aplicação de elementos plásticos sob a forma de quatro mamilos pouco proeminentes dispostos horizontalmente na pança. Um quinto mamilo faz parte da reconstituição da forma. Trata-se de um troncocónico ou forma 14 (Bettencourt, 1999).

Além dos recipientes cerâmicos o conjunto inclui, também, um bracelete em bronze maciço (MMAP-34) (Figura 9). É aberto, de forma circular e secção subrectangular, com face exterior arredondada e interna ligeiramente achatada. Possui dois terminais

subesféricos, um em cada extremidade, igualmente maciços. Não são visíveis soldaduras. Encontra-se decorado na face externa, junto dos terminais, com finas linhas incisivas transversais e, na restante área, por pontos puncionados formando linhas longitudinais.

4. DATAÇÃO PELO RADIOCARBONO

Os materiais da necrópole do Corvilho correspondem a 5 vasos cerâmicos troncocónicos e 1 potinho, recorrentes em contextos coetâneos cronologicamente situados entre o Bronze Inicial e Médio, ainda que os potinhos/púcaros possam perdurar por toda a Idade do Bronze (Bettencourt, 2009, 2010). Com o intuito de confirmar e de estreitar a periodização deste contexto, e atendendo aos recursos financeiros disponíveis, foi realizada uma datação absoluta pelo radiocarbono segundo a curva de calibração IntCal13 (Reimar & *alli* 2013). O resultado obtido confirma a utilização do local durante o que é convencionalmente aceite como a Idade do Bronze Médio regional, mais precisamente entre os séculos XVIII e XVI (Tabela 1).

Ref. Lab.	Tipo	Contexto	Idade BP	2 δ (cal BC)
AA102328	Fuligem	Vaso MMAP35	3354 \pm 55	1859-1854 (0.3%)
				1771-1502 (95.1%)

Tabela 1 – Resultado da datação por AMS de amostra de fuligem do Corvilho (Santo Tirso).

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

Antes de mais deve ser sublinhado o facto de o tratamento prévio resultante de trabalhos de conservação e restauro efetuados ao vaso cerâmico datado não ter inviabilizado a correta datação de fuligem do mesmo. De resto, a opção de datar fuligem presente em recipientes cerâmicos tem-se mostrado deveras vantajosa (Sampaio, 2014).

A datação apresentada permite pensar que as práticas funerárias ocorridas no Corvilho incluíram o manuseamento e a deposição de (pelo menos) um vaso troncocónico. Contudo, *per si*, esta data não deverá excluir a possibilidade deste lugar ter sido frequentado e utilizado para práticas funerárias (ou outras quaisquer práticas) durante outras fases que não o Bronze Médio.

Ainda que a datação de um vaso recolhido em inícios do século passado tenha fornecido bons resultados, há que acautelar a extrapolação da mesma data para as restantes materialidades recolhidas no Corvilho. Isto porque outros dados, não apenas do Noroeste português, mostram como contextos funerários de tipo necrópole podem prolongar-se ao longo de amplas diacronias, conforme sucede, por exemplo, na necrópole do Pego, em Braga (Sampaio & Bettencourt, 2014; Sampaio, 2014), espaço utilizado para práticas funerárias que, tendo em conta as datas até agora disponíveis, se estenderam entre os finais do Bronze Inicial e o Bronze Médio, não sendo de excluir o Bronze Final. Assim, muitos destes lugares devem ser entendidos como o resultado de sucessivos episódios de revisitação e frequência, por vezes arrastando-se no tempo durante vários séculos, e não como produto de um único momento ou ação. Ainda que a contemporaneidade entre as diferentes materialidades e os seus micro contextos de deposição possam (sempre) ser questionados, a quantidade de materiais aliada às formas cerâmicas recuperadas – comuns em ambientes funerários da Idade do Bronze no Noroeste português – levaram à denominação, na literatura da especialidade, do que se conhece hoje como necrópole do Corvilho, num local onde “*pela voz dos mais idosos*” era conhecida “*a existência (...) de um cemitério muito antigo*” (Santarém, 1955, p. 170). Não deverá ser esquecido, contudo, a proximidade da necrópole romana da Quinta da Devesa identificada, segundo Santarém (1955, p. 171), “*a cerca de 500 metros para Norte do Corvilho*”.

Entre a recolha de vasos troncocónicos, especial destaque para o vaso com o número de inventário MMAP39/[COR 1087], pelas suas semelhanças a outros vasos recolhidos na necrópole de sepulturas planas de Cimalha (Almeida & Fernandes, 2008). Forma cerâmica mais rara é o potinho/púcaro, correspondente à forma 10 segundo a tabela formal disponível para o Noroeste português (Bettencourt, 1999). Mais ainda se tivermos em consideração que, contrariamente às restantes formas cerâmicas ali recolhidas, não apresenta contacto com o fogo nem elementos decorativos. Vaso cerâmico em condições semelhantes e em contexto funerário foi também identificado na extremidade sul do túmulo 3 de Vale Ferreiro (Sampaio, 2014; Sampaio & Bettencourt, no prelo), por exemplo.

Os vasos troncocónicos são recorrentes em contex-

tos funerários entre o Bronze Inicial e Médio nos mais diversos tipos de construção funerária (Bettencourt 2010). Por sua vez, os potinhos são formas presentes durante toda a Idade do Bronze (Bettencourt, 1997), ainda que mais recorrentes em cistas datadas do Bronze Inicial na Galiza (veja-se, por exemplo, Rodriguez Gras, 1974; Ramil Soneira & Vásquez Varela, 1979; Vásquez Varela, 1980; Monteagudo, García & Lois, 1981).

Sem entrar na discussão do foro da semiótica e das hipotéticas mensagens “escondidas” na linguagem decorativa destes vasos – cuja ausência de ossadas não permite qualquer ilação ou relação com o indivíduo sepultado –, certo é que a ausência de indícios de contacto com o fogo (fuligem) no potinho/púcaro de Corvilho parece evocar uma função distinta das formas cerâmicas recorrentemente associadas a ritos de fogo, como os vasos de bordo horizontal ou troncocónicos, usualmente requeimados e que, inclusive, análises químicas mostraram, respetivamente, ter contido uma espécie de gordura não identificada (Gonçalves *et alii* 2010) ou mesmo cerveja (Prieto-Martínez, Juan-Tresserras & Matamala, 2005; Prieto-Martínez, Lantes Suárez & Martínez Cortizas, 2009).

Convirá também destacar que sítios que apresentam conjuntos cerâmicos formais variados, onde cabe o caso da necrópole do Corvilho, devem impelir a uma abordagem que não se esgote apenas no estudo tecnológico e formal, mas que também valorize fatores cronológicos, sociais, simbólicos ou rituais. Infelizmente, a escassa informação disponível sobre os micro-contextos de deposição das materialidades de Corvilho, aliada à falta dos restos ósseos humanos, poderia ajudar a lançar luz sobre questões relacionados, por exemplo, com o género, a idade ou o papel social dos indivíduos sepultados.

Uma nota também relativa à recolha, nas imediações de formas cerâmicas, de um bracelete em bronze. Ainda que este objeto venha sendo datado da Idade do Ferro (Castro Pérez, 1997), não deve excluída a hipótese de este ser mais antigo. No entanto, tal hipótese ficará à mercê de futuros estudos, análises e datações que, quando disponíveis, poderão clarificar esta e outras questões. Ainda assim, e ao comprovar-se futuramente que o bracelete metálico do Corvilho seria desta fase, tratar-se-ia de uma novidade no âmbito dos contextos funerários do Bronze Médio do Noroeste português.

Uma última nota para a contiguidade, de resto, como

sucedem em muitos outros casos por todo o país, de práticas funerárias de períodos distintos numa mesma área. Da mesma forma que alguns monumentos funerários se aproximaram propositadamente de arquiteturas fúnebres ancestrais, esta recorrência parece demonstrar o perdurar destas práticas numa área muito próxima que, ainda que separadas por dezenas de séculos, corporizam uma verdadeira paisagem funerária.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Pedro B. & FERNANDES, Francisco (2008) – O povoado da Idade do Bronze da Cimalha. *Actas do I Encontro de Arqueologia das Terras do Sousa* (Lousada, 2007). Lousada: Câmara Municipal (Oppidum; Número Especial), pp. 29-44.

ANDRADE, M. Montenegro de; NORONHA, Fernando & ROCHA, António (1986) – Carta Geológica de Portugal (1/50000). Folha 9-B, Guimarães. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

BETTENCOURT, Ana M.S. (1997) – Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste peninsular. *Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 621-632.

BETTENCOURT, Ana M.S. (1999) – *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols. Braga: Universidade do Minho (Tese de doutoramento – policopiada).

BETTENCOURT, Ana M.S. (2009) – A Pré-História do Minho. Do Neolítico à Idade do Bronze. In PAULO P. coord. – *Minho. Traços de Identidade*. Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho, pp. 70-118.

BETTENCOURT, Ana M.S. (2010) – La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerárias. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 67: 1, pp. 139-173.

CARDOSO, Mário (1969) – Machados de bronze ornamentados. *Abrente* 1: 75-79.

CASTRO PÉREZ, Ladislao 1997. Brazaletes de Bronze de Santo Tirso. *Santo Tirso Arqueológico*. Santo Tirso. 2ª Série. 1, pp. 5-11.

GONÇALVES, Luís; BETTENCOURT, Ana M.S. & ALVES, Maria I.C. (2010) – Análises químicas de conteúdos orgânicos de recipientes cerâmicos da Idade do Bronze do Norte de Portugal. *Livro de Resumos das III Jornadas do Quaternário – Evolução Paleambiental e Povoamento na Fachada Ocidental da Península Ibérica (Braga 2010)*. Braga: APEQ, p. 8.

MARTINS, Manuela (1985) – Sondagens arqueológicas no Castro do Monte Padrão, em Santo Tirso. *Cadernos de Arqueologia*. Santo Tirso. 2ª Série. 2, pp. 217-230.

MONTEAGUDO, Luis; GARCÍA, Alfredo & LOIS, Julio (1981) – El hacha de Salto (Rodeiro) y las primeras hachas de tope de dos asas en Europa. *El Museu de Pontevedra*. Pontevedra. 35, pp. 117-162.

MOREIRA, Álvaro (2016) – *Museu Municipal Abade Pedroso: coleção arqueológica*. Santo Tirso: Câmara Municipal.

PINTO, Rui S. (1930) – Machados de bronze das margens do Ave. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia*. Porto. 4: 3, p. 306.

PRIETO-MARTÍNEZ, Maria P.; JUAN-TRESSERRAS, Jordi & MATAMALA, Juan C. (2005) – Ceramic Production in the North-Western Iberian Peninsula: Studying the functional features of pottery by analyzing organic material. In PRUDENCIO, M.I.; DIAS, M.I. & WAERENBORGH, J.C. eds. – *Proceedings of the 7th European Meeting on Ancient Ceramics – Understanding people through their pottery*. Lisboa: Instituto Tecnológico e Nuclear (ITN) / Ministério da Cultura / Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 42), pp. 193-199.

PRIETO MARTÍNEZ, Maria P.; LANTES SUÁREZ, Oscar & MARTÍNEZ CORTIZAS, Antonio (2009) – Dos enterramientos de la Edad del Bronce en la Provincia de Ourense. In FONTE J. ed. – *Actas do Congresso Transfronteiriço de Arqueologia (Montalegre, 2008)*. Montalegre: Grupo Cultural Aqvae Flaviae (Revista Aqva Flaviae; 41), pp. 93-105.

RAMIL SONEIRA, Jose & VÁSQUEZ VARELA, Jose M. (1979) – Enterramiento en cista de la edad del Bronce de 'O Cubillon', Xermade (Lugo). *El Museu de Pontevedra*. Pontevedra. 33, pp. 61-68.

REIMER, Paula J.; BARD, Edouard; BAYLISS, Alex; BECK, J. Warren; BLACKWELL, Paul G.; RAMSEY, Christopher B.; BUCK, Caitilin E.; CHENG, Hai; EDWARDS, R. Lawrence; FRIEDRICH, Michael; GROOTES, Pieter M.; GUILDERSON, Thomas P.; HAFLIDASON, Hafliði; HAJDAS, Irka; HATTÉ, Christine; HEATON, Timothy J.; HOFFMANN, Dirk L.; HOGG, Alan G.; HUGHEN, Konrad A.; KAISER, K. Felix; KROMER, Bernd; MANNING, Sturt W.; NIU, Mu; REIMER, Ron W.; RICHARDS, David A.; SCOTT, E. Marian; SOUTHON, John R.; STAFF, Richard A.; TURNEY, Christian S.M. & VAN DER PLICHT, Johannes (2009) – IntCal13 and Marine13 Radiocarbon Age Calibration Curves 0-50,000 Years Cal BP. *Radiocarbon*. Arizona. 55: 4, pp. 1869-1887.

RODRIGUEZ GRAS, J.M. (1974) – Un vaso y un puñal de la Edad del Bronce hallados en Malpica. *El Ideal Gallego*. A Coruña. 9 de xuño, pp. 20-21.

SAMPAIO, Hugo A. (2014) – *A Idade do Bronze na bacia do rio Ave (Noroeste de Portugal)*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento – policopiada).

SAMPAIO, Hugo A. & BETTENCOURT, Ana M.S. (2014) – Between the valley and the hilltop: Discursing on the spatial importance of the Pego's Bronze Age necropolis, Braga

(Northwest of Portugal). *Estudos do Quaternário*. Porto. 10, pp. 45-57.

SAMPAIO, Hugo A. & BETTENCOURT, Ana M.S. (no prelo) – *Memória de um lugar da Idade do Bronze do Noroeste português: Vale Ferreiro (Fafe) – estudo monográfico*. Braga: Laboratório de Paisagens, Património e Território.

SAMPAIO, Hugo A. & BERNARDO, Helena (2016) – A necrópole de Montes Novos (Croca, Penafiel): novos dados para a compreensão da morte durante a Idade do Bronze. *Livro de Resumos das VI Jornadas do Vale do Douro: do Paleolítico à Idade Média*. Porto: Associação Científico-Cultural Zamora Protohistórica, p. 9.

SANCHES, Maria J. (1982) – Vasos da Estação Arqueológica do Corvilho – Santo Tirso. *Arqueologia*. Santo Tirso. 3, pp. 56-61.

SANTARÉM, Carlos F. (1955) – Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa: Espólio do Corvilho – Santo Tirso. *O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural*. Santo Tirso. 4: 2, pp. 105-111.

TEIXEIRA, Carlos & MEDEIROS, Arhur C. (1965) – Carta Geológica de Portugal à escala 1:50 000. Notícia explicativa da folha 9-A (Póvoa de Varzim). Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

VÁSQUEZ VARELA, Jose M. (1980) – Enterramientos en cista de la Edad del Bronce en Galicia. *Pontevedra*. Pontevedra. 0, pp. 23-40.

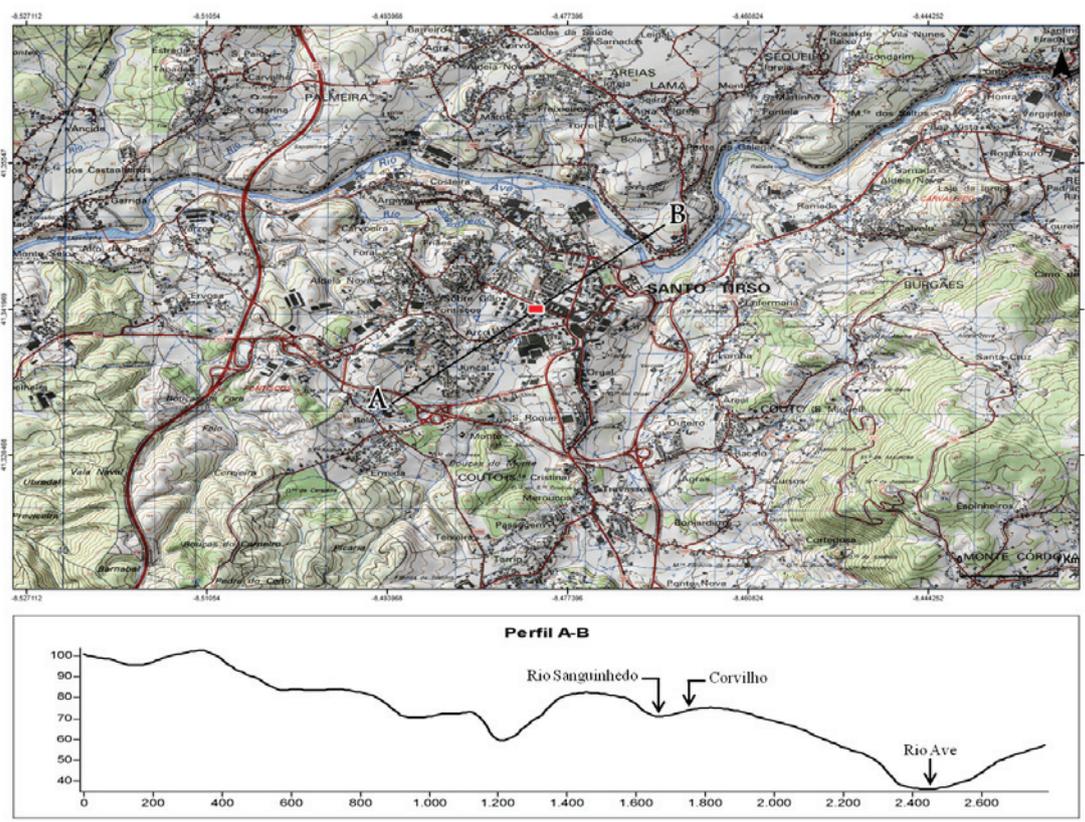


Figura 1 – Extrato de Carta Militar de Portugal, folha nº 98, à escala 1:25 000, com localização aproximada da necrópole do Corvilho e respetivo perfil topográfico (autor Filipe Pereira).

ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO DO CORVILHO-SANTO TIRSO

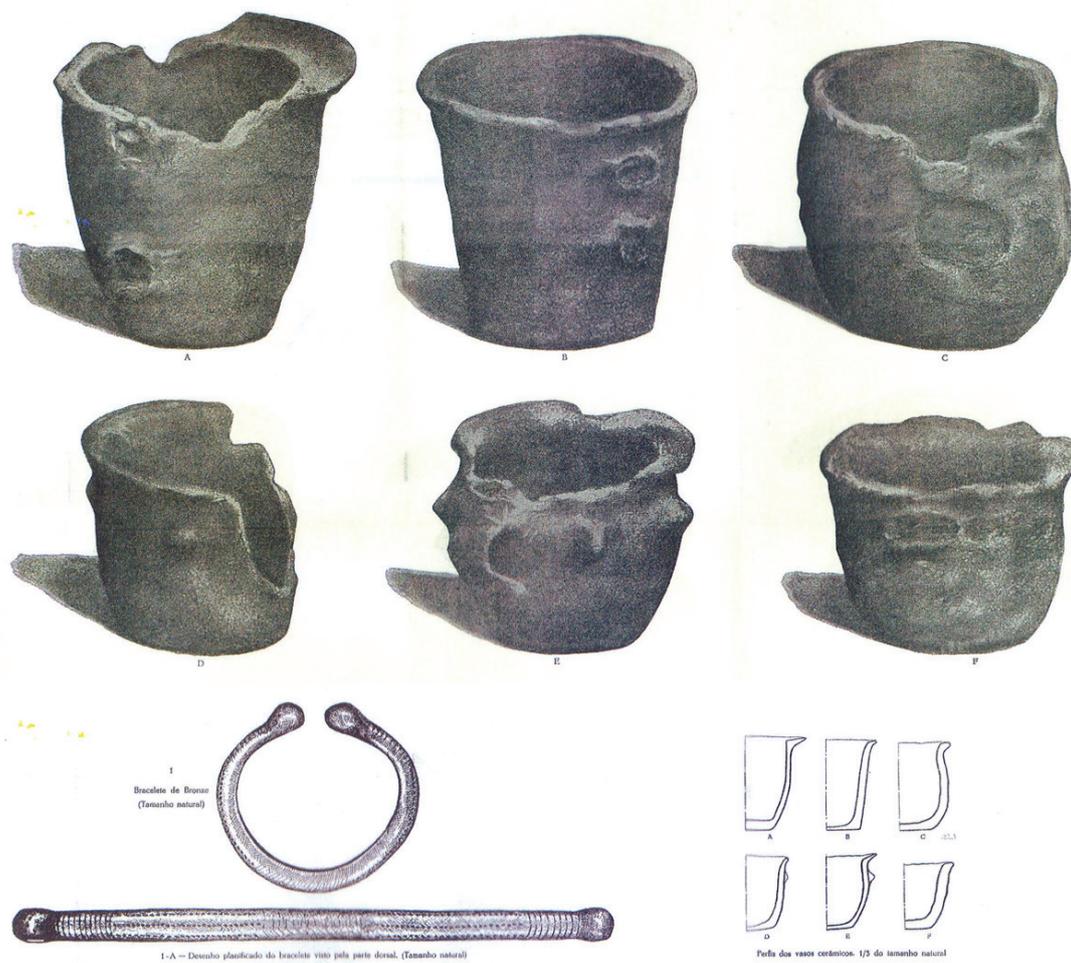


Figura 2 – Ilustração do “Espólio arqueológico do Corvilho” (autor Faya Santarém (1955, p. 179)).



Figura 3 – Potinho ou forma 11 (Bettencourt 1999) (autor c. Moreira (2016, p. 34)).



Figura 4 – Troncocónico ou forma 14 (Bettencourt 1999) (autor Moreira (2016, p. 33)).



Figura 5 – Troncocónico ou forma 14 (Bettencourt 1999) (autor Moreira (2016, p. 33)).



Figura 6 – Troncocónico ou forma 14 (Bettencourt 1999) (autor Moreira (2016, p. 34)).



Figura 7 – Troncocónico ou forma 14 (Bettencourt 1999) (autor Moreira (2016, p. 33)).



Figura 8 – Troncocónico ou forma 14 (Bettencourt 1999) (autor Moreira (2016, p. 34)).

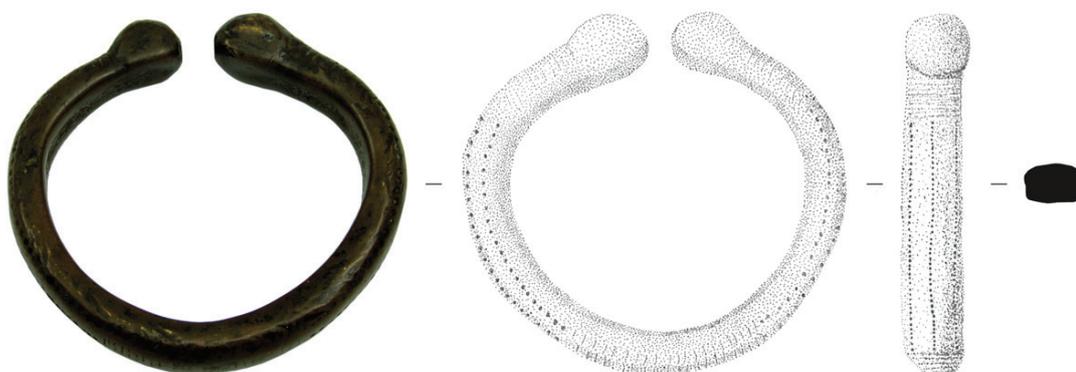


Figura 9 – Bracelete de bronze da hipotética necrópole do Corvilho (autor Moreira (2016, pp. 33))